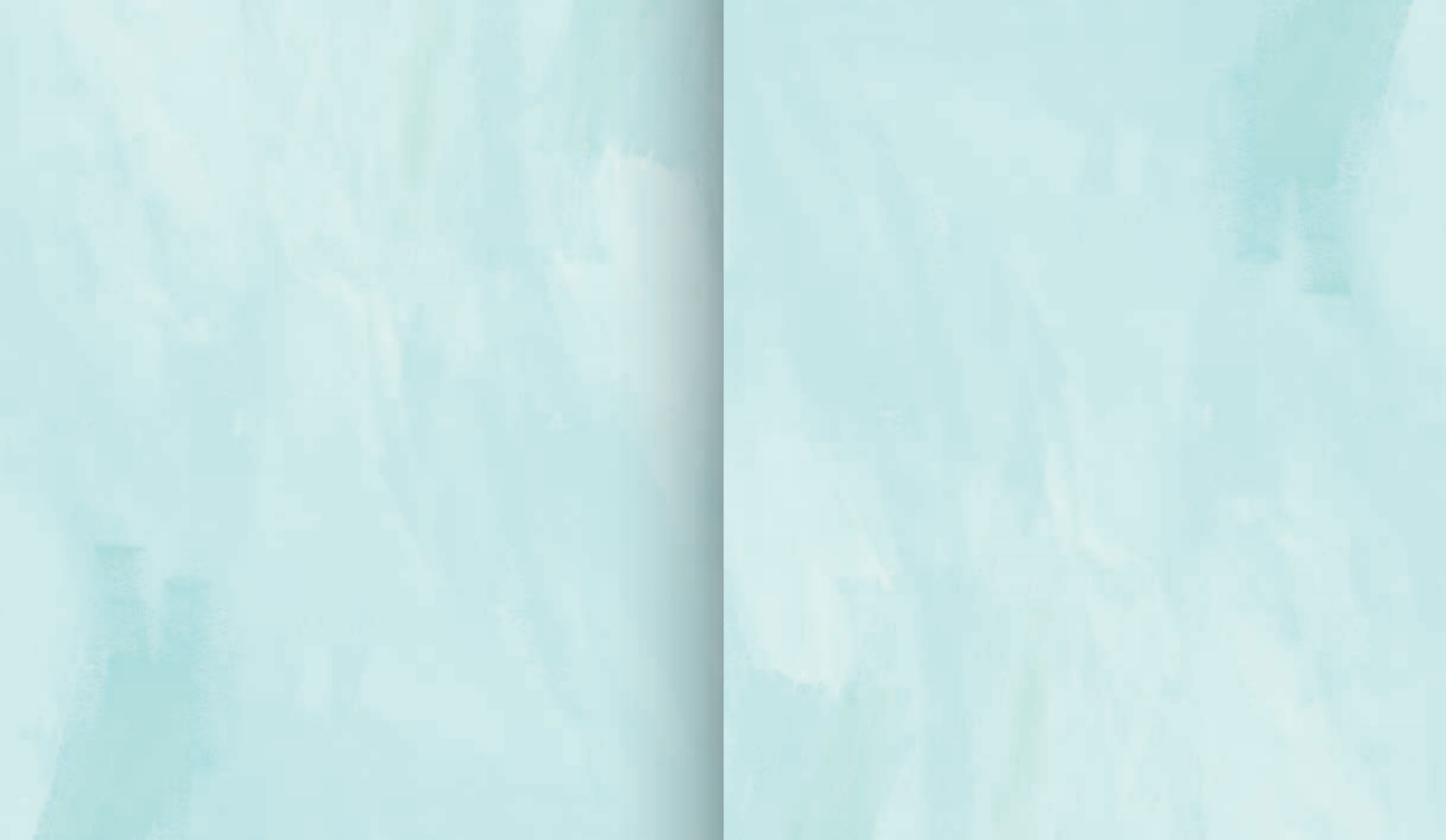


ARAXÁ

A CIDADE DA gente

JOSÉ SANTOS
ILUSTRAÇÃO NARA ISODA





ARAXÁ

A CIDADE DA GENTE

JOSÉ SANTOS
ILUSTRAÇÃO NARA ISODA




OLHARES

São Paulo 2016



Apresentação

Araxá é uma cidade cheia de vida, cheia de história. E ela pode ser contada através do conjunto de seus bens materiais e imateriais construídos ao longo do tempo, que vem a ser o nosso Patrimônio. Um legado que herdamos e que precisa ser transmitido a gerações futuras. Conhecê-lo e valorizá-lo é fundamental. Essa é a razão desse livro, que faz parte da coleção A cidade da gente, criada para investigar o patrimônio histórico, cultural e ambiental das pequenas e médias cidades brasileiras, em parceria com as crianças e professores de escolas públicas locais. O resultado são livros que se tornam referência da memória local, ajudando a preservá-la e levando os estudantes a conhecerem melhor a cidade onde vivem.

A Companhia Brasileira de Metalurgia e Mineração (CBMM), ao lado do Fliaraxá, via Lei Federal de Incentivo à Cultura, oferece à comunidade escolar de Araxá esse presente, um livro paradidático de educação patrimonial, onde vários aspectos do patrimônio araxaense são apresentados. Do Grande Hotel às histórias de Dona Beja. Dos doces à moda de viola. Do congado ao Parque do Cristo.

Vários autores da cidade já se preocuparam com esses temas, desde a pioneira Leonilda Montandon, que há cinquenta anos publicou *Vamos conhecer Araxá*, até projetos atuais, como *O sertão da farinha podre*, de Ernesto Rosa. E agora apresentamos essa nossa contribuição, em que os próprios estudantes da cidade são também autores.

O processo de produção deste livro envolveu momentos de grande interação do escritor José Santos com a comunidade de estudantes e professores da rede pública de ensino da cidade, misturando memória e literatura. E este encontro continua na página eletrônica do projeto, onde, além das redações dos alunos, encontram-se sugestões para a investigação dos temas locais em sala de aula.

O patrocínio da CBMM e a parceria com a Secretaria Municipal de Educação de Araxá foram fundamentais para a realização do livro e sua distribuição gratuita na rede pública de ensino da cidade.

Afonso Borges
Fliaraxá

Sumário

10 Cerrado

16 Grande Hotel

22 Barreiro: termas, fontes e jardins

28 Doces de Araxá

34 Religiosidade popular

40 Parque de Cristo

44 Museu Calmon Barreto

48 Museu Sacro

50 Queijo

56 Cultura negra

62 Dona Beja

70 Música





Quem consultar o mapa, encontrará a nossa cidade na região do Alto Paranaíba, próxima ao triângulo mineiro. Estamos a 367 km da capital Belo Horizonte e perto das cidades de Uberaba, Uberlândia e Patos de Minas. Aqui vivem mais de 100 mil pessoas, a maioria na zona urbana. Nossos pais trabalham em diferentes atividades: na mineração, no comércio, na agricultura. E no turismo também. Somos uma estância hidromineral e, desde o século passado, chegam turistas do mundo inteiro para nos visitar.

Em 2015 completamos os nossos 150 anos. Sim, pois contamos essa data a partir do dia 19 de dezembro de 1865, quando a vila de São Domingos do Araxá se tornou cidade. Antes da chegada do homem branco, os donos da terra eram os índios Caiapós, que estavam espalhados em uma região muito grande. Mas você vai perguntar: e os índios Arachás? Ah, eles não eram originários daqui, viviam mais ao sul do país e vieram trazidos pelos colonizadores... Isso explica, inclusive, o confronto dos Arachás com os Caiapós! Eles não gostaram nada da chegada dessa turma, entraram numa grande guerra com eles e não sobrou um só arachazinho para contar a história.

Aqui nesse livro vamos falar um pouco da nossa cidade. Do seu patrimônio. Vamos conhecer todos esses atrativos em doze capítulos e entender que essa riqueza precisa ser cuidada, preservada. Isso não é só tarefa dos adultos. É das crianças também.

Durante o ano de 2016, muitas escolas municipais trabalharam no projeto: as escolas rurais Antônio Augusto, Francisco Primo, José Bento, Pe. Inácio e Eunice Wever e também as da cidade, Alice Moura, Auxiliadora Paiva, Dona Gabriela, Leonilda Montadon, Manoela Lemos e Prof. Nelson Gomes. Seus alunos, professores e funcionários se envolveram ativamente no trabalho de pesquisa e redação de textos, editados pelo escritor José Santos e lindamente ilustrados pela artista Nara Isoda.

E contamos também com a colaboração apaixonada da equipe da Secretaria Municipal de Educação. Entregamos agora ao leitor o resultado dessa produção coletiva voltada à educação patrimonial, reunindo um olhar amoroso de crianças e adultos à sua cidade.



Cerrado

Araxá é cercada pelo Cerrado, tendo aqui todas as características desse *bioma*. Vejam que palavra interessante: bioma é um conjunto formado pelo clima, vegetação, fauna, hidrografia e relevo de uma determinada região. E o Cerrado cobre 25% do território nacional. Se quisermos resumir, podemos dizer que ele possui vegetação rasteira, com plantas e árvores baixas, de raízes profundas e galhos tortos.



Ah, e muitos bichos. Os alunos fizeram listas dos animais mais comuns de se ver por aqui. Quanta coisa: lobo-guará, seriema, capivara, diversas espécies de cobras, como cascavel, coral e caninana, e de tatus, como canastra, galinha e peba.

E tem ave que não acaba mais: são 935 espécies, dos quais 148 são típicas do Cerrado. Voam por aqui desde o Pacífico canários-da-terra, azulões, curiós e anus, e até temíveis caçadores como os gaviões e os carcarás.



Muitos mamíferos e aves só podem ser vistos no Cerrado, e quando uma espécie só existe em um lugar, ela ganha um nome interessante: espécie endêmica. Então, usando a nova palavra, são endêmicos do Cerrado o beija-flor-de-gravata-verde (*Augastes scutatus*), o rato-de-espinho (*Carterodon sulcidens*), a rolinha-do-planalto (*Columbina cyanopis*) e o sedento morceguinho-do-cerrado (*Lonchophylla dekeyseri*). Viram? Eles vêm acompanhados de seu nome científico. Coisa mais chique!

E, para terminar, vamos agora ao mundo vegetal. Nossa, esse tem coisa... Vamos continuar com os nomes científicos? Pau-papel (*Tibouchina papyrus*), canela-de-ema (*Vellozia squamata*), buriti (*Mauritia flexuosa*)... Que nome mais bonito ganhou o buriti!



O Cerrado é um mundo à parte, que precisa ser conhecido e preservado. Nós todos estamos preocupados, pois muitas espécies animais e vegetais têm sofrido ameaça de extinção, como o tamanduá-bandeira e o lobo-guará, que estão desaparecendo pelo desmatamento, caça e queimadas. Ao lado da mata atlântica, o Cerrado é um dos biomas mais ricos e ameaçados do mundo.



Aliás, por falar em extinção de espécies, já me lembro de outro assunto. Quando a gente vai estudar geografia, aprende que a vida no planeta começou muito antes de nós existirmos. No período chamado Pleistoceno, que ocorreu entre 2 milhões a 11 mil anos atrás, viveram aqui, neste pedaço de terra que depois ganhou o nome de São Domingos do Araxá, diferentes espécies de animais. E restos deles foram descobertos no bairro do Barreiro, durante a construção do Grande Hotel.

Imagine preguiças gigantes, mastodontes e o formidável *Equus amerhippus*, o tataravô do nosso cavalo, pisando o solo araxaense. Já pensaram nisso? Preguiças se espreguiçando nas árvores do Parque do Cristo? Estranhos e esfomeados cavalos pastando no bairro Abolição? E mastodontes lambendo as presas à beira do rio Tamanduá? Quem é que poderia acreditar?



Querem saber mais sobre esses bichos com tromba? Eles eram grandes animais, parentes dos nossos elefantes, pesando 6 toneladas e com quase 3 metros de altura. O que mais chamava atenção eram suas enormes presas, podendo chegar a mais de 4 metros de comprimento. Já pensou? Eles viviam em manadas e passaram por aqui durante sua longa e longínqua migração. No Barreiro, podemos ver as réplicas dos fósseis de mastodontes na Fonte Andrade Junior, a fonte de água sulfurosa. Elas são réplicas muito bem feitas, já que os fósseis mesmo estão guardados na Universidade Federal do Rio de Janeiro. Vale a pena ver os restos desses seres da chamada megafauna. Era *mega* mesmo!

Grande Hotel



Na verdade, o nosso assunto aqui é muito maior, pois o Complexo do Barreiro envolve o Grande Hotel, as termas e também o conjunto de fontes, jardins e áreas de lazer. Vamos fazer então uma viagem pelo espaço e também pelo tempo.

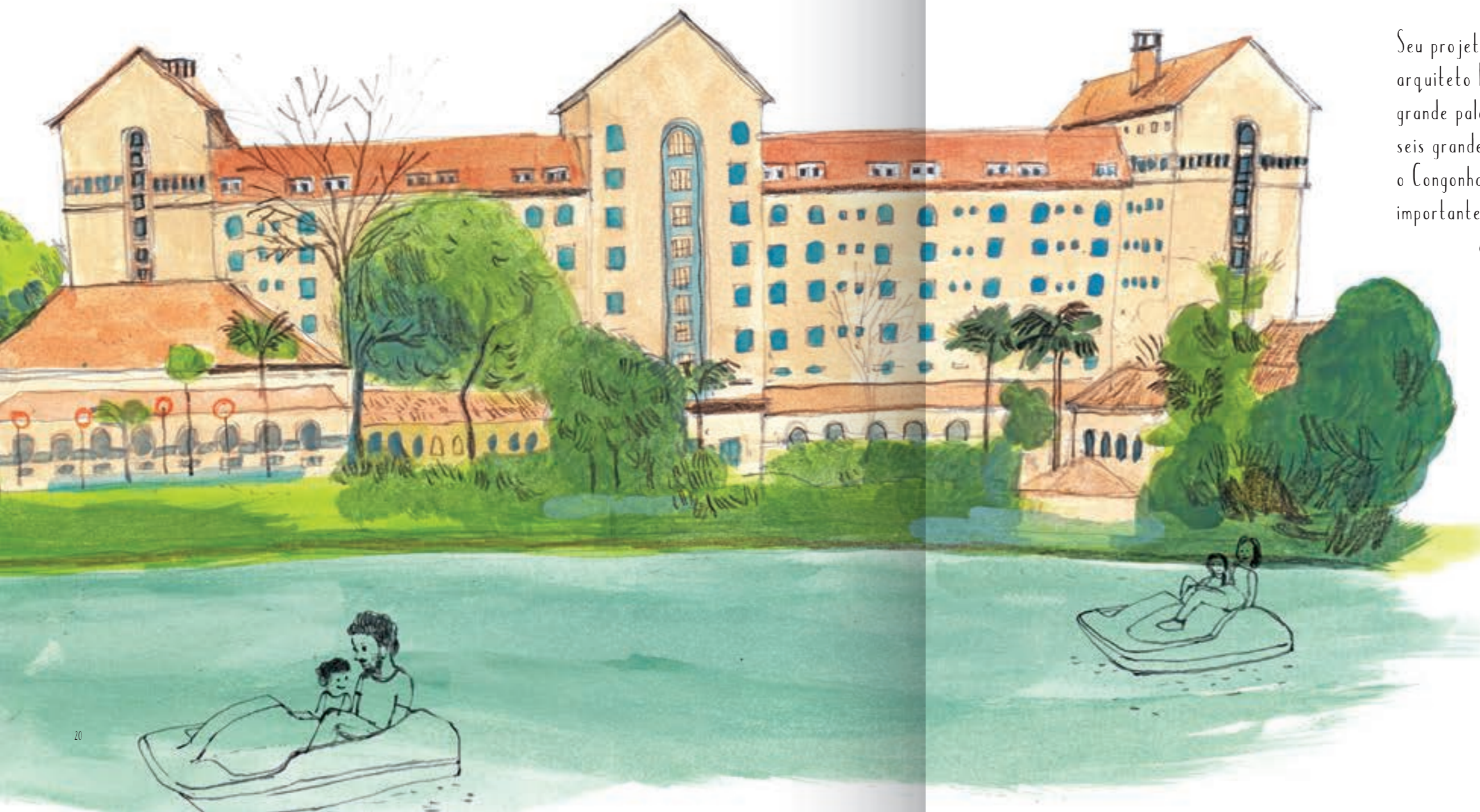
A história começa numa região que é chamada hoje de Barreiro. Nem todos sabem, mas, na pecuária, alimentar o gado com sal é uma prática muito antiga. Só que o sal era muito, muito caro. E não é que ali no Barreiro descobriram um riacho diferente? Sua água era salgada; parecia-se até com a água do mar.

Todo esse sal dando sopa animou os fazendeiros, que começaram a trazer seu gado para pastar e também ganhar sua ração gratuita do precioso mineral.

A notícia de uma água mágica correu pelo mundo. Curiosos e cientistas vieram até aqui pesquisar. Em 1816, um sábio alemão, o barão de Eschwiege, confirmou o que o povo dizia: as propriedades medicinais das águas de Araxá.



Olhem quanta data interessante: em 1912, já haviam construído o primeiro balneário. Em 19, estava de pé o importante Hotel Rádio. Rádio? Sim, de água radio...ativa. Em 25, foi lançada a pedra fundamental do Grande Hotel. Só que da primeira pedra até a última, muito tempo se passou. Somente em 38 começaram as obras, envolvendo mais de 6 mil operários. E no dia 23 de abril de 1944, o hotel é inaugurado, com muita festa e uma multidão circulando e comemorando. E com a ilustre presença do presidente Getúlio Vargas, seu primeiro hóspede. O Tauá Grande Hotel justifica o seu adjetivo. São 45 mil metros quadrados de área construída. Tem 283 apartamentos e capacidade para 720 hóspedes. Seu saguão é enorme, com 172 metros quadrados, que fazem o visitante ficar impressionado desde a chegada.



Ele ficou sete anos fechado. Foi reformado e reabriu em 2001. Para atender a tantos hóspedes e lhes oferecer diversão, descanso e boa comida, o hotel conta com um time de mais de 200 funcionários.

Seu projeto foi criado pela equipe do arquiteto Luiz Signorelli, que desenhou um grande palácio em pleno Cerrado. Possui seis grandes salões, como o Diamantina, o Congonhas e o Minas Gerais, o mais importante deles. Entre os anos de 1944 e 46, chegou a abrigar um cassino. E seu Cineteatro Tiradentes, durante os anos 40, era o cinema da cidade, com 400 lugares e muito conforto. Ainda em atividade, recebe eventos, shows e peças de teatro.

Barreiro: termas, fontes e jardins

Qual a origem do nome do bairro? Vamos soletrar: B-a-r-r-e-i-r-o. Olha só, vem de barro. Barro é terra misturada com água. E água, essa aqui não falta. Água, força da vida – vamos continuar falando dela. Drotam aqui dois tipos de água, a sulfurosa e a radioativa. Ambas são usadas para tratamentos de saúde e de beleza. Dizem que uma mulher importante do nosso passado, a Dona Beja, vinha até aqui em busca dessas águas milagrosas, para manter a sua juventude.

Vamos visitar as termas? Se seguirmos por dentro do hotel, veremos um extenso e bonito corredor, mais comprido que um campo de futebol. No caminho, iremos encontrar pinturas retratando cidades mineiras, criando um clima muito acolhedor. E a chegada é formidável: no chão há uma enorme mandala. E no teto, oito belíssimos vitrais mostrando Araxá no passado, inclusive o passado mais remoto.



Termas é palavra antiga, já que um dos seus significados é edifício que abriga os banhos públicos de um lugar. As termas turcas e romanas eram famosas. Mais famosas ainda serão as de Araxá, que oferecem tratamentos estéticos e relaxantes como os banhos de água sulfurosa com pedras ou pérola, de chocolate, de vinho, de aveia, de ervas aromáticas, de mel e de pétalas. Ufa!



Mas não pense que acabou. Ainda é preciso falar do banho mais procurado, que é o de lama negra. Acho que até o Cascão, da Turma da Mônica, iria gostar de entrar numa banheira assim, completamente enlameada.

Essa lama negra é mesmo sensacional. Ela tem mil e um usos, seja como sabonete, xampu, condicionador, creme... Uma pena que ainda não inventaram um sorvete com esse sabor.



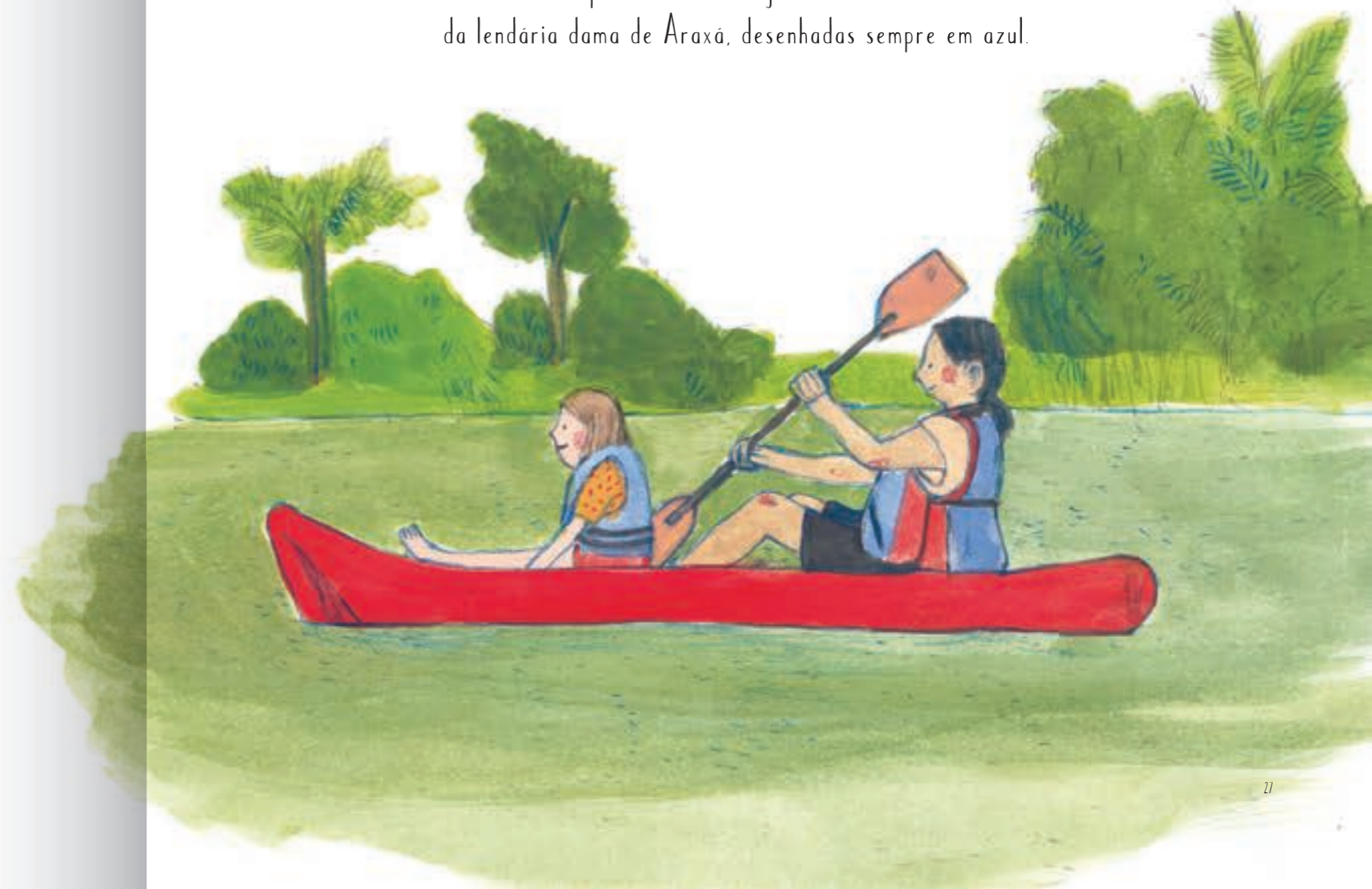
Os jardins são mesmo uma beleza: seguem o projeto original do genial paisagista Roberto Burle Marx, trabalhando com vegetação nativa do Cerrado e ainda misturando plantas da Amazônia e da Mata Atlântica. Muitas delas chegaram até aqui de trem. Nesses jardins, vamos encontrar coqueiros, macaúbas, acácias e quaresmeiras, formando uma bela aquarela brasileira.

Um velho morador da cidade disse outro dia: "Querem contar sobre tudo que tem aqui no Araxá num livro só? Não vai dar não". E ele tem razão. É muita riqueza, tanto na história quanto na natureza. Mas se não dá para falar de tudo, ao menos vamos mencionar duas importantes fontes de água.



A Fonte Andrade Júnior fica próxima ao hotel e ali jorra a água sulfurosa. É muito legal ver no prédio réplicas dos fósseis de animais pré-históricos que foram encontrados durante a construção. Muitos deles eram mastodontes, que possuíam presas compridíssimas de marfim.

Já a Fonte Dona Beja fica do outro lado do lago, num prédio amarelo muito simpático, projetado pelo arquiteto Raphael Hardy. Dentro está uma gruta que jorra água mineral e nas paredes de azulejos são vistas cenas da vida da lendária dama de Araxá, desenhadas sempre em azul.



Doces de Araxá



Você sabia que Minas Gerais é um dos estados brasileiros que mais fabrica doces? É uma tradição que existe há séculos, na qual as receitas vão sendo passadas de mãe para filha, de avó para neta.

Os doces de Araxá são famosos no Brasil inteiro. Não há turista que resista a levar uma sacola cheia de delicias mineiras. Aqui, eles são produzidos artesanalmente, usando grandes fogareiros e com secretas receitas de família.

Os principais doces são o doce de leite, de laranja, de goiaba e a ambrosia, que é feita à base de leite e cozida durante oito horas seguidas. Com esse nome, inspirado no mitológico alimento dos deuses gregos, o doce deve ser mesmo uma maravilha!

Existem na cidade sete empresas que desenvolvem esse doce e trabalhoso ofício – além da produção caseira, que ajuda na renda familiar. Afinal, em cada rua da cidade há pelo menos uma boa doceira.





Duas figuras são muito lembradas quando se fala em doces araxaenses. Uma é a dona Joana D'Arc, de 83 anos, mais conhecida como Joaninha. Sua fábrica é muito conhecida e produz mais de duas mil compotas por mês. Seu filho Luis Augusto e a esposa tocam o negócio, fundado há quarenta anos pela mãe, que é realmente uma doceira de mão cheia. Muita gente vai à sua loja em busca do doce de leite, da ameixinha de queijo, da cocada amarela, além dos doces em barra e em calda.

Já nos Doces Cecilia, não vamos encontrar essa senhora mexendo os tachos e nem atendendo no balcão. O seu Euber Ferreira e sua esposa herdaram as receitas de uma famosa doceira do século XIX, a dona Ana Porfirio da Rocha e Silva, através de uma parente sua, justamente a dona Cecilia. Dai a homenagem.

O negócio começou familiar e agora já cresceu bastante, tem catorze funcionários e produz milhares de compotas por mês. Quem passar por lá encontrará o doce de leite com nozes, a cidra ralada, as balas de café com leite, o doce de abóbora puro e com coco. Nossa, é bom parar por aí, pois o leitor ainda nem deve ter almoçado.





Os alunos da professora Claudia Renata, da Escola Municipal José Bento, produziram essa receita rimada, que ficou tão boa que copiamos inteirinha aqui para todo mundo conhecer e praticar.

Receita de pé de moleque

Coloca-se numa panela
Sem fogo, ainda fria,
3 rapaduras raspadas
2 copos americanos de leite
Depois de muito mexer
Não se esqueça de o fogo acender
Vá mexendo e misturando
E observar quando ferver
Fervendo bem a mistura
Deixe o brilho aparecer
Vá colocando aos pouquinhos
1 quilo de amendoim torrado
E muito bem triturado

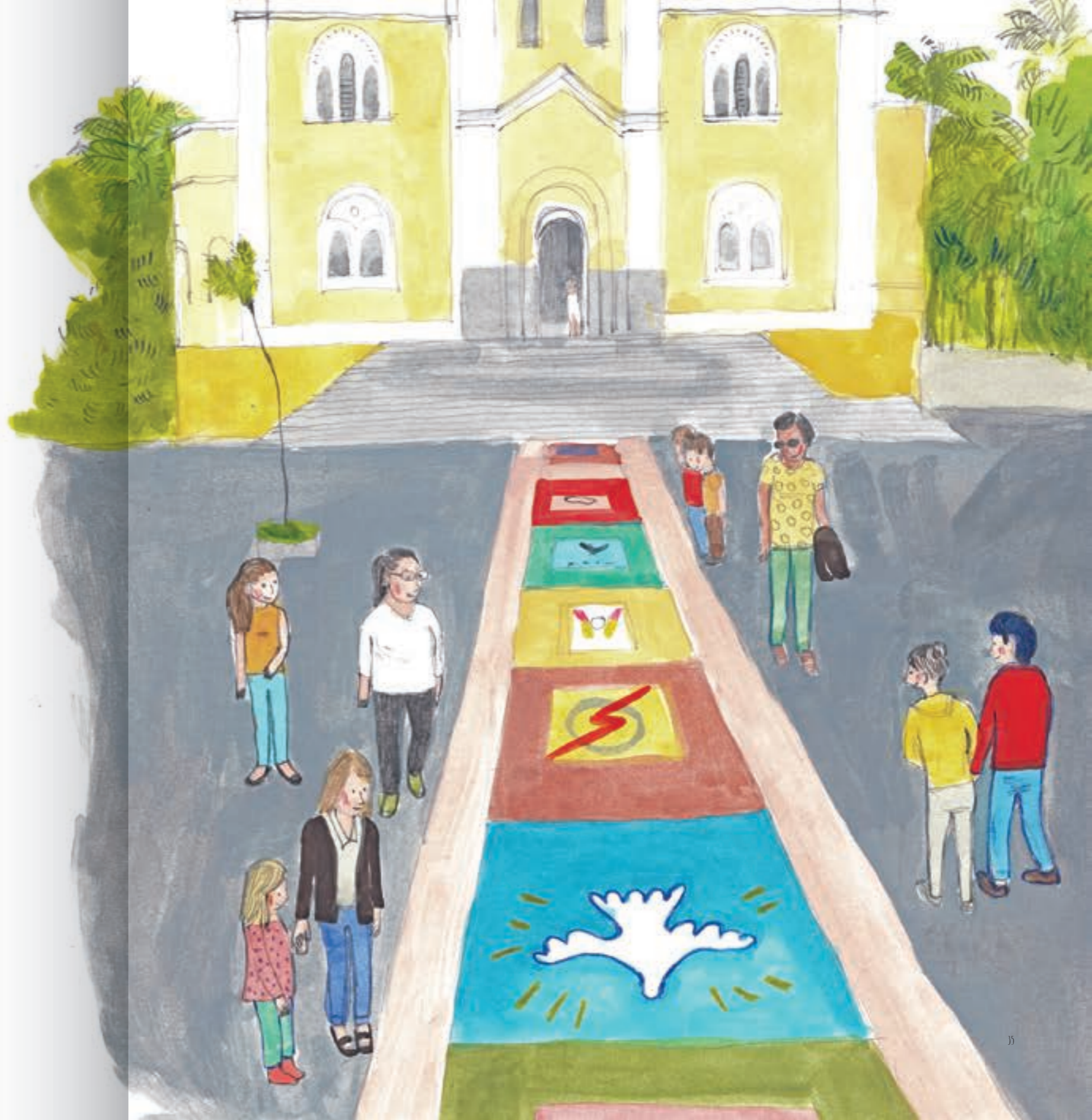
Bata, bata bem depressa
Sem parar para descansar
Assim que ficar durinha
A massa vá despejar
Despeje em um tabuleiro
Preparado com margarina
Acerte com as mãos a massa
Para ficar bem certinha
Depois corte os pedacinhos
Desta delícia sem igual
Está pronto o pé de moleque
Que ficou sensacional.



Religiosidade popular

A Semana Santa é uma data importantíssima do calendário araxaense. Essa tradicional celebração começa no Domingo de Ramos e vai até o Domingo de Páscoa, num momento de reflexão e recolhimento dos fiéis. A programação é variada nas oito paróquias da cidade. Quem for até a Igreja Matriz de São Domingos poderá participar de celebrações, procissões e da tradicional missa do lava-pés. Outra data importante é a do Corpus Christi.

As ruas são enfeitadas com flores e serragem colorida, formando um tapete nas ruas de seu trajeto. É uma bela tradição das Gerais, mostrando a fé de sua gente. Quem mora perto enfeita suas janelas com tapetes, flores, folhas de árvores, velas e símbolos que lembram a Ressurreição de Jesus. Atualmente, o sentido dos enfeites das ruas cresceu em significado. Agora o que se vê nas ruas não é só arte e devoção – a palavra *caridade* entra em cena. Sim, pois a serragem foi trocada por sacos de arroz, feijão e açúcar, e as velas, por latas de óleo de soja. E mesmo que desbotados, roupas e agasalhos dão um colorido especial neste inovador tapete feito de solidariedade.



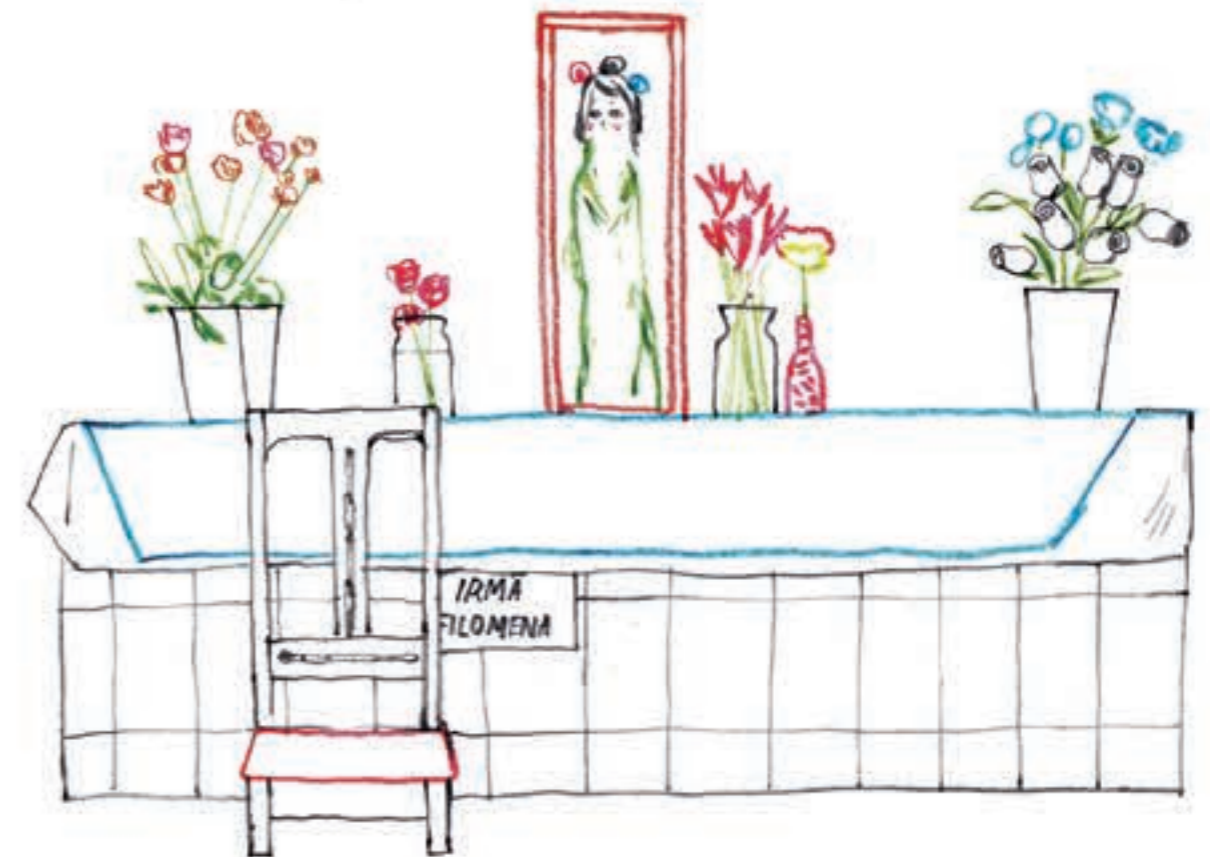
Outra história que envolve a religiosidade popular é a da irmã Filomena. Querem conhecer? A Capela Mártir Filomena fica no alto de uma colina, no bairro Bela Vista, distante 3 km do centro da cidade. É um lugar muito simples, limpo e que passa uma sensação de paz. Sempre há gente por ali, pessoas em busca de um milagre ou agradecendo bênçãos recebidas. E também muitos turistas aparecem para conhecer mais sobre essa mulher, que a fé do povo transformou em santa, mesmo que ainda não reconhecida pela Igreja.

Sua história vem passando boca a boca através dos anos, e muitas versões correm por aí. Dizem que viveu no século XIX uma mulher muito pobre, escrava ou filha de escravos, e que foi vítima da variola, doença também conhecida como bexiga preta.



Agora, é preciso coragem para continuar a leitura, pois a coisa fica macabra. Seus patrões, por saberem que a doença era mortal e contagiosa, convenceram a todos de que era preciso fazer uma terrível "simpatia": enterrar a doente até o pescoço. E assim foi feito. Ela ficou um bom tempo sofrendo, sem receber comida e água, até entregar a alma a Deus.

Foi sepultada longe da fazenda, no lugar onde está a capela, e pouco depois começaram a surgir histórias de curas miraculosas. Sua fama correu pela região, e há muitos e muitos anos para lá seguem seus devotos. Debaxo da branca e grande cruz eles deixam velas e garrafas de água, esse precioso líquido de que ela tanto precisou em suas últimas horas de vida terrena.



Qual é o mineiro que nunca ouviu falar das benzeções? Benzeção para espantar o mau olhado. Para curar doenças. Para afastar cobras, aranhas e escorpiões dos lares e fazendas...

Elas eram popularíssimas no passado, mas atualmente, com o crescimento das cidades e o maior número de médicos, o papel das benzeadeiras e benzedores foi se tornando cada vez menor. Em Araxá, eram famosos a Dona Carmelita, a Dona Nina, o seu Aparecido Tiú, o Zé Quirino e o senhor Antônio Benzedor.

As benzeções misturam elementos de variadas crenças, que passam pelo pajé indígena, pelos santos católicos e por elementos das religiões afro-brasileiras. Mas diferentemente dos curandeiros, charlatões e outros aproveitadores, o benzedor é uma pessoa respeitada pela comunidade, dedicada à caridade para com os doentes e os necessitados de ajuda.

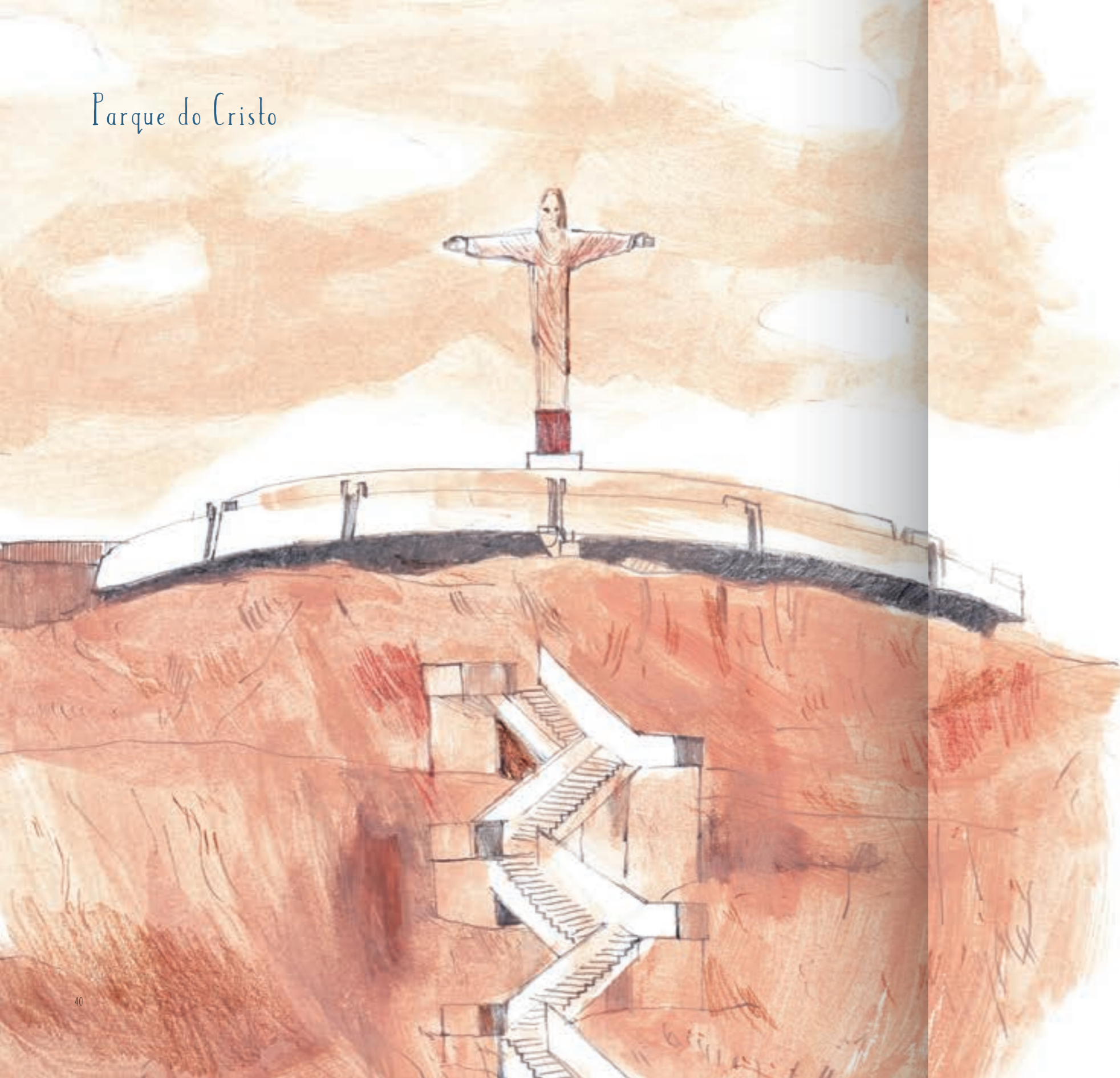
Quem se animar a pesquisar a cultura popular vai encontrar benzeções muito curiosas, cheias de fantasia e até de humor, como poderão ver nessa fórmula para acabar com as lombrigas que atazanam as tripas das crianças:

Benzimento para lombriga

Santos Reis tinha doze filhos, de doze morreu um ficaram onze, de onze morreu um ficaram dez, de dez morreu um ficaram nove, de nove morreu um ficaram oito, de oito morreu um ficaram sete, de sete morreu um ficaram seis, de seis morreu um ficaram cinco, de cinco morreu um ficaram quatro, de quatro morreu um ficaram três, de três morreu um ficaram dois, de dois morreu um, ficou um e esse um se arreventou graças a Deus.



Parque do Cristo

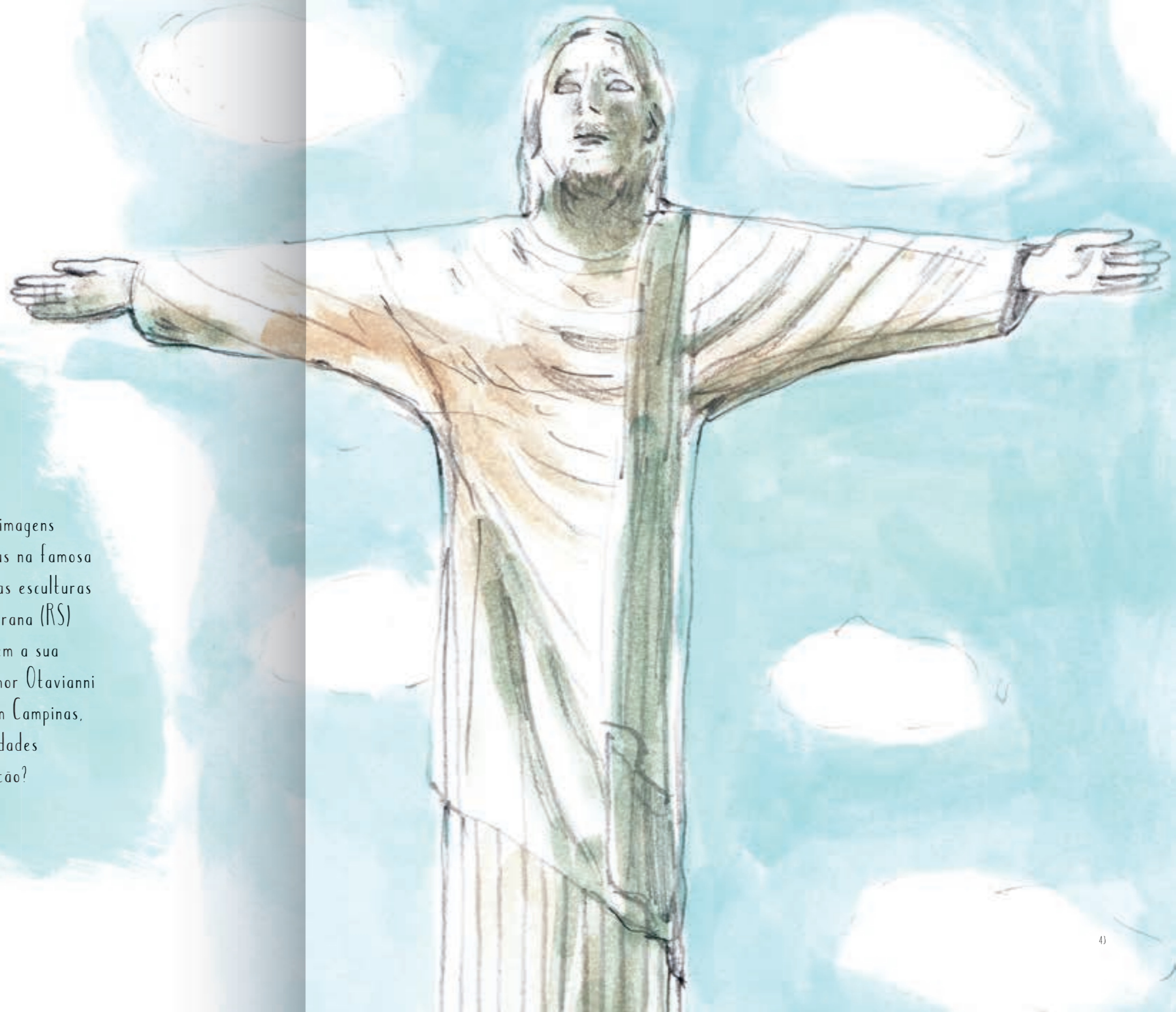


O Parque do Cristo está situado no Alto do Bairro Santa Rita e é um dos pontos turísticos da cidade. Só que a estátua veio antes do parque. Ela foi levantada, em 1965, nas comemorações dos 100 anos de Araxá. Tem 10 metros de altura e, de braços abertos, abençoa toda a cidade.

Em fotos antigas, podemos ver o morro vazio, apenas com a grande estátua branca lá em cima. A cidade cresceu e, na década de 80, foi criado o parque, com um mirante incrível, uma monumental escadaria com 236 degraus e espaços para a diversão das crianças.

Tempos depois, o parque foi decaindo, sofreu ataques de vandalismo e acabou fechando. Agora, passa por uma grande reforma, para ter de novo lanchonetes, pista de caminhada e de skate, área de piquenique e de lazer – e o melhor de tudo, que é olhar a paisagem. Araxá, do alto, é também uma beleza.

A curiosidade é que existem centenas de imagens desse Cristo Redentor pelo país. Inspiradas na famosa estátua carioca, inaugurada em 1931, essas esculturas se espalharam de ponta a ponta, de Jaquirana (RS) a Coari (AM). Em Minas, muitas cidades têm a sua estátua, todas feitas pela família do senhor Otavianni Papaiz, que chegou a criar uma fábrica em Campinas, levando essa imagem para mais de 250 cidades brasileiras. Vamos descobrir onde elas estão?



Museu Calmon Barreto

Antes de falar desse museu, é preciso saber quem foi Calmon Barreto, um importante artista nascido em Araxá, no século passado, em 1909. Ele nasceu com dons artísticos que desde cedo impressionavam os adultos. Com dez anos, não podia ver uma parede branca na casa dos pais, que lá ia ele desenhar e até pintar nela. As ruas da cidade o deixavam fascinado. Tudo podia caber dentro de um desenho.



Nessa idade, conheceu um importante professor, Pedro Leopoldo, que o ensinou a desenhar. Tempos depois, seus tios vieram do Rio de Janeiro visitar Araxá. Assombrados com o talento do menino, pediram permissão a seus pais e o levaram para morar com eles no Rio. Lá ele teria a chance de aprender mais sobre pintura e desenho na Escola Nacional de Belas Artes. E aí sua vida mudou para sempre.

Calmon foi crescendo, em todos os sentidos, e ficou reconhecido como artista. Mas as coisas ficariam ainda melhores, pois o sortudo ganhou o maior prêmio das artes no Brasil – uma viagem à Europa. Ele pôde visitar museus e exposições e conhecer de perto a obra dos grandes mestres. Isso abriu sua mente para o mundo.



Quando voltou, Calmon já estava tão sabido que foi convidado a trabalhar na sua antiga escola de artes, agora como professor. Como bom mineiro, também achava o Rio de Janeiro uma beleza, e ali morou muitos anos. Mas queria viver só de arte, e foi fazendo planos para voltar pra casa. Coisa que só aconteceu em 1966. Já em 67, começou a mostrar a história de Araxá nos seus quadros.



Era quadro pra cá, quadro pra lá... Calmon não parava de criar. Imaginem que ele deixou mais de 1.000 obras e, com tantas obras assim, era preciso um museu para preservar isso tudo. Em 1996, dois anos depois de sua morte, foi criado o Museu Calmon Barreto. Hoje, ele conta com um acervo de mais de 300 itens, sendo o museu brasileiro com o maior número de obras de um só artista. Outra importante homenagem que recebeu foi dar seu nome à principal instituição cultural da cidade, a Fundação Cultural Calmon Barreto.

Ele foi um artista muito ativo. Pintou, desenhou, escreveu, esculpiu. Visitando seu museu, fazemos uma viagem pela história de Araxá. Escravos em luta, bandeirantes ferozes, índios na mata, Dona Beja louríssima em seu cavalo, tudo isso está lá. E quem for até o museu será recebido na porta por figuras ilustres. Sim, pelo Laçador e pelo Garimpeiro, duas de suas importantes esculturas.



Museu Sacro



O nosso Museu Sacro fica localizado dentro da Igreja São Sebastião de Araxá, que é do século XIX. Inaugurado em 1991, tornou-se um dos pontos turísticos da nossa cidade, e é aberto para toda a comunidade, que pode conhecer esculturas, fotos e objetos religiosos do século XIX, e também algumas pinturas do artista Calmon Barreto.

A grande atração desse museu são as centenárias imagens do escultor Bento Antônio da Boa Morte, que causam grande impacto por seu tamanho natural. Entre as mais importantes estão as de São Francisco, São João Evangelista, Maria Madalena, N. S. das Dores, o Senhor dos Passos e a dramática imagem do Nosso Senhor Morto.

A Igreja São Sebastião terminou de ser construída em 1808. Com o tempo, passou por algumas modificações. Mas, em 1978, esse monumento foi seriamente ameaçado. Fizeram uma "reforma" na igreja: cobriram de pedra as suas paredes externas, trocaram o assoalho e esconderam suas telhas com um forro. Ah, foi demais. Muita gente se indignou. Fizeram um movimento, e, depois de muita mobilização, conseguiram deixar a igreja como era antes. Que bom que, em Araxá, as pessoas lutam para defender o seu patrimônio!

Queijo

Quando alguém que não é de Minas Gerais pensa em Minas, a ele vem na hora a lembrança do queijo. Esse alguém talvez ache que o mineiro acorda comendo pão de queijo e antes de dormir ainda traça um pratinho de Romeu e Julieta. Bem, mentira é que não é.

Nosso estado é um dos maiores produtores do país, e quatro regiões concentram essa atividade: Serro, Serra da Canastra, Alto Paranaíba e Campo das Vertentes. Aqui em Araxá muitas famílias vivem dessa indústria e também da produção artesanal, e o principal queijo feito aqui é o canastra.



Mas não pense que o queijo existia em Minas desde a idade da pedra. Ele chegou somente com os colonizadores portugueses, que sonhavam fazer aqui esse disco amarelado, cheiroso e delicado, tal como era produzido nas suas frias serras.



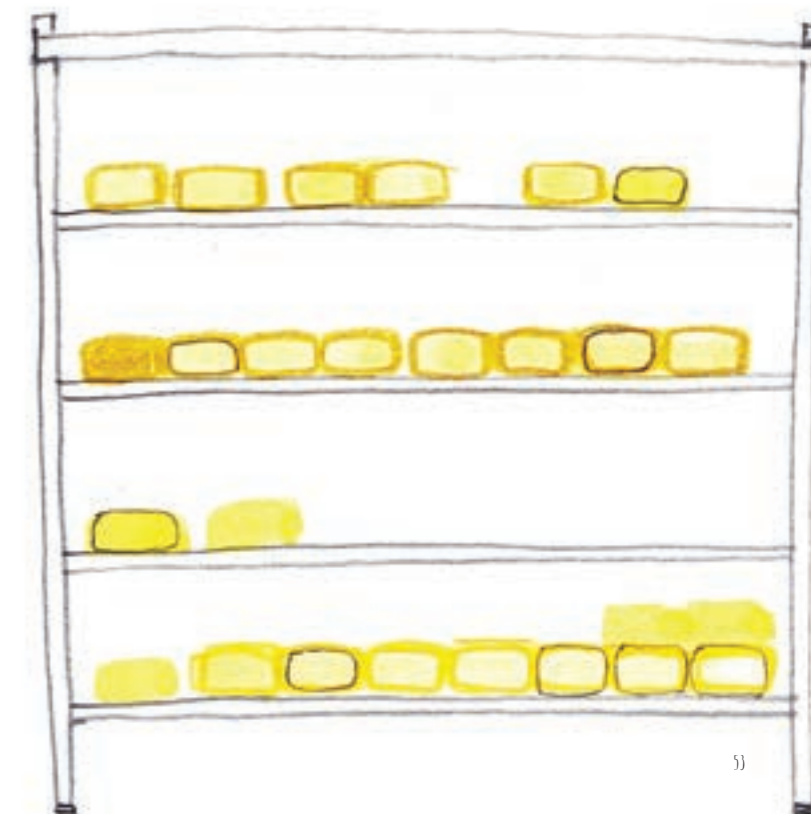
Os queijos artesanais de Araxá estão entre os mais reconhecidos e premiados. Nos concursos da microrregião do Alto Paranaíba, estamos sempre subindo ao pódio.



Os alunos de uma escola rural, a Escola Municipal Eunice Weaver, nos ajudaram bastante nesta pesquisa. Eles conseguiram fazer uma entrevista com um produtor muito conhecido, o senhor Alexandre Honorato. Ele tem 47 anos e trabalha com laticínios há mais de trinta. Sua família vive na fazenda Sonata, e ele vem mantendo a tradição iniciada por seu avô.

O trabalho é duro, pois pouca gente tem de fazer muita coisa. Imagine que ele, a mulher e mais sete empregados conseguem fazer 100 quilos de queijos por dia!

O nome de seu produto campeão é o "Mineirim", que já foi premiado diversas vezes em concursos regionais e estaduais. Mas a vida de quem faz queijo não é fácil: seu Alexandre contou, com sinceridade, que depois de um dia complicado pensou até em desistir. Mas foi um pensamento logo levado pelo vento. Ele bateu o pé, resistiu e agora pode ter o prazer de ver seu queijo circular pelas mesas de Minas e do Brasil.





O queijo é um alimento muito versátil, usado em comidas salgadas e doces. Do pão de queijo à queijadinha, do misto-quente ao quindim, além de ser usado como recheio de omeletes, empadas, pastéis, risoles... Nossa, é queijo que não acaba mais.

E na cultura popular ele se faz presente em muitas expressões coloquiais: "Comigo é: pão, pão, queijo, queijo". Ou: "Estava com a faca e o queijo na mão". E ainda: "Amor sem beijo é como macarrão sem queijo".

A aluna Vanessa Freitas do Nascimento foi muito criativa e escreveu um poema chamado "Por um pedaço de queijo", de onde extraímos essas deliciosas estrofes:

*Do queijo de Araxá
Você já ouviu falar?
Então preste atenção
Que estou pronta pra contar.*

*Queijo no café da manhã,
No almoço e na janta,
Se deixar, é o tempo inteiro,
Perco até a conta.*



Cultura negra

QUILOMBO DO AMBRÓSIO

Quem consultar o dicionário ficará sabendo que “quilombo” significa esconderijo, aldeia ou conjunto de povoações que abrigavam escravos fugidos. Em Minas havia muitos desses refúgios. Historiadores comentam que só no século XVI havia mais de 160 quilombos no estado. E aqui perto existiu o famoso quilombo do Ambrósio.



Conta-se que esse quilombo, liderado pelo Rei Ambrósio, chegou a ter mais de 15 mil habitantes, e foi o maior e mais duradouro da história de Minas Gerais. Quando ele foi atacado por uma milícia em 1746, a mando da Coroa portuguesa, ocorreu um massacre, morrendo inclusive o próprio Ambrósio. Mas aí os negros sobreviventes fundaram um segundo Quilombo de Ambrósio, localizado bem perto daqui, entre Ibiá e Campos Altos. Eles resistiram bravamente. Somente treze anos depois, em 1759, é que este último foi destruído.

Mas sua história permanece. Os quilombos são símbolos de resistência do povo negro, que não aceitava que homens pudessem escravizar outros homens. E existe na cidade, ao lado da famosa Árvore dos Enforcados, um Centro de Referência da Cultura Negra. Ali essa memória está guardada, num interessante acervo contendo quadros, fotografias e até objetos que eram usados pelos quilombolas, doados por seus descendentes que ainda habitam as terras dos quilombos.



CONGADO

A festa de congado em Araxá começa em 1964, fundada por um grupo de amigos que moravam no bairro Santa Rita. Os homens e mulheres desse grupo vestiam-se de branco, colocavam latinhas amarradas aos pés com pedrinhas dentro e saíam cantando pelas ruas, louvando a São Benedito e Nossa Senhora do Rosário. Batiam em caixas feitas de madeira e couro de boi, e cantavam: "Eu sou moçambiqueiro e hoje eu vim pra festejar a Senhora do Rosário padroeira deste altar". Nestes tempos ainda se proibia a entrada de grupos de congados e moçambiques nas igrejas em Araxá, portanto o grupo saía em cortejo pelas ruas do bairro e descia até a praça da Igreja do Rosário, a única em que os negros congadeiros podiam entrar.



A festa não parou de crescer, impôs respeito e hoje é motivo de orgulho em toda a cidade. Nas suas comemorações de 50 anos, em 2014, recebeu mais de 60 grupos de congadeiros de todo o país. O atual presidente da Associação de Congos e Moçambiques de Araxá, o jovem Jower Henrique Carneiro, conta: "Fui conhecer festa com oito anos de idade. Com dez, comecei minha jornada no Congo Rainha da Luz, onde fui capitão mirim por cinco anos. Já adulto, convidado pelo capitão José Ronan, fundamos o Moçambique Mocidade Verde e Branco onde hoje sou o segundo capitão. Eu amo o congado, hoje ele corre no sangue das minhas veias. E quando ouço o batido da caixa, meu corpo treme, meu coração dispara e minha alma pula de alegria de saber que chegou a hora de festejar o Rosário de Maria".



A ÁRVORE DOS ENFORCADOS

Contam os antigos que ali no bairro Santa Rita, numa grande árvore conhecida por pau-de-óleo ou copaiba-vermelha, foram enforcados dois escravos. Eles estavam revoltados com os maus-tratos de seu patrão. No dia em que ele pegou um porrete para dar-lhes uma surra, os dois reagiram e, na luta, o senhor acabou morrendo. Eles foram trazidos para Araxá e julgados debaixo da árvore, onde já havia sido montada a forca. Foram condenados à morte, para servirem de exemplo – ameaçador exemplo.

Tempos depois, começam a circular boatos, na senzala e também na casa-grande, de que perto da árvore se ouviam, vindos do nada, gemidos assustadores, longos lamentos nas noites sem lua. Seriam as almas sofridas dos dois condenados que para ali voltavam? Ou seria apenas o vento batendo nas frinchas?

Essa árvore é considerada patrimônio da cidade, e já em 1979 foi por lei protegida de corte. Em 1998, foi declarada patrimônio municipal. Ela é o símbolo da luta da comunidade afrodescendente pelos seus direitos. Ao seu lado, foi construído o importante Centro de Referência da Cultura Negra, aberto à visitação de segunda a sexta-feira.

A Árvore dos Enforcados viveu mais de duzentos anos e, em 2015, secou inteiramente, por motivos naturais. “Morreu de velhice”, diriam os nossos avós. Mas permanece ali, como uma grande escultura em madeira, a nos lembrar dos erros que foram cometidos no passado.



Dona Beja



O que é verdade e o que é lenda na vida dessa mineira? Não foi fácil para os estudantes da rede pública escreverem sobre Ana Jacintha de S. José, a famosa Dona Beja.

Ela nasceu em nosso estado, na cidade de Formiga, que fica a 245 km daqui. Em que ano? 1800, ou seja, no último ano do século XVIII, quando ainda éramos uma colônia de Portugal. Nasceu muito pobre, de pai desconhecido, e sua mãe, Maria Bernarda, mulher de origem indígena, seguiu com ela criança para tentar a vida em Araxá. Isso, nos idos de 1805.

Hoje em dia, é cada vez mais comum a mulher trabalhar fora, ter vida de artista ou até participar da política. Nos tempos de Dona Beja, isso era impensável. A discriminação contra as mulheres era enorme: elas só podiam parir e criar filhos, além de cuidar da casa e (as mais ricas) dos escravos.



Mesmo em tempos tão bicudos, a valente Ana Jacintha se meteu na política, apoiou revoluções, fez negócios, construiu casas e até uma ponte. Falava de igual para igual com os poderosos homens da região.

Sua vida realmente daria um roteiro de filme. Nascida pobre, torna-se uma adolescente incrivelmente bonita, deixando malucos os solteiros e casados da região. O poderoso ouvidor-geral do rei rapta a menina quando tinha 15 anos e fica dois anos com ela. Nesse período, ela conhece a elite da região, com quem nunca deixa de ter contato e influência. E conquista muito prestígio e poder, como nenhuma mulher em sua época.

Ao contrário das outras mulheres, Dona Beja tinha trânsito livre nas repartições públicas e cortes de justiça, comprava, vendia e construía imóveis, participava de movimentos políticos locais, tomava partido nas decisões que afetavam a vida da cidade. O que ela fazia era mesmo de cair o queixo!



Mas nessa história tudo se mistura, e restam muitas perguntas:
Por que uma descendente de indígenas nasce loura e de olhos azuis?
Por que sua beleza não cessava? E aumentava com o passar do tempo?
Será que era por causa dos poderosos banhos de água termal?
Ou por beber água na Fonte da Jumenta, no bairro do Barreiro?

E o seu apelido? Devia-se à doçura do beija-flor ou da beleza de uma flor chamada beijo? Ou por causa de um lugar famoso de Portugal, a cidade de Beja?

Quanto ao final de sua vida, aí não há polêmica: ela faleceu aos 73 anos em Bagagem, atual Estrela do Sul, de uma doença dos rins, a nefrite, sem cura na época. Essa vida movimentada, cheia de lances mirabolantes em relação aos costumes da época, rendeu inspiração para vários livros. Fica a indicação de três deles: *A vida em flor de Dona Beja*, de Agripa Vasconcelos; *Araxá, da maloca ao palácio*, de Waldir Costa; e *Dona Beja, a feiticeira de Araxá*, de Thomas Othon Leonardos.

Mas a popularidade dessa mineira foi mais longe ainda, sendo homenageada no carnaval do Rio de Janeiro, com as escolas Salgueiro, em 1966, e Beija-Flor, em 1999. Claro que também virou novela, produzida pela extinta TV Manchete, em 1986. Maitê Proença interpretava o seu papel, e seu par romântico era o galã Gracindo Júnior.

Fonte Dona Beja, Barreiro



Trazemos um pouco da lenda de Dona Beja numa letra de música e em trechos de um poema. Aluna da Escola Municipal Auxiliadora Paiva, Amanda Reis usou quadras rimadas para contar um pouco da história da personagem. Vejam que legal:

Os encantos de Beja

Sei que és linda!

Moça bela e sedutora!

Por isso, se chama Beja

Mulher de boca encantadora!

Pelo ouvidor foi raptada

Vivendo com ele uma vida amargurada

Mas não perdeu o brilho de ser

Essa mulher encantada.

Chegou em Araxá

com sua mãe e um dos avós

Seu pai nunca foi conhecido

Pobre gente, era de dar dó!

E agora vejam o samba-enredo da Escola de Samba Acadêmicos do Salgueiro, que contava as façanhas da feiticeira de Araxá. A imaginação dos compositores foi longe, criando uma fantasiosa corte real em pleno Cerrado mineiro.

Na corte, fascinou toda a nobreza

Com seu porte de princesa

Com seu jeito singular.

Ana Jacinta, rainha das flores,

Dos grandes amores,

Dos salões reais,

Com seus encantos e sua influência

Supera as intrigas

Os preconceitos sociais.

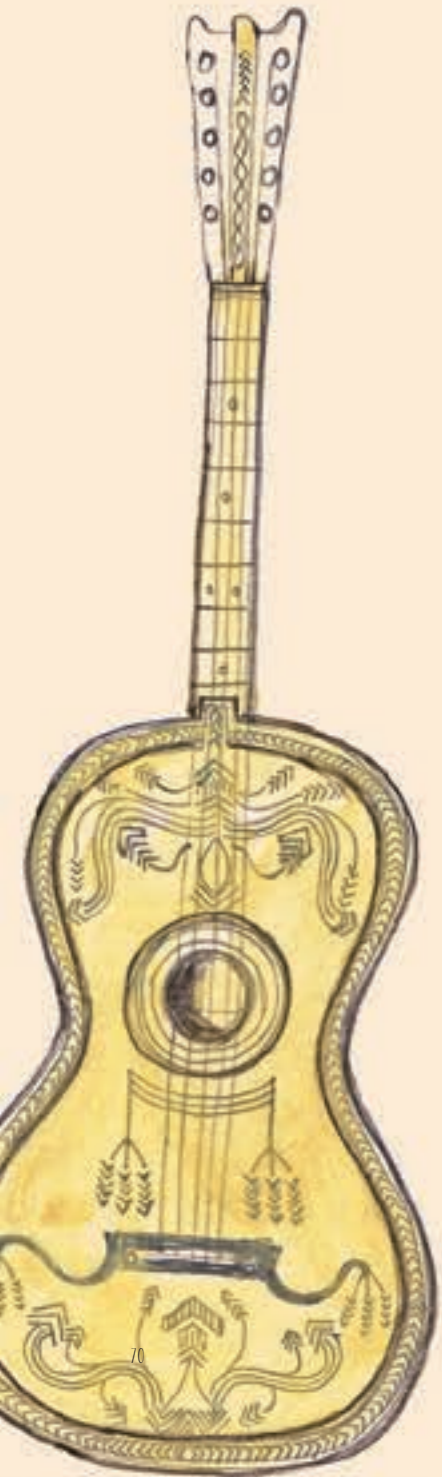
Era tão linda, tão meiga, tão bela,

Ninguém mais formosa que ela

No reino daquele ouvidor.



Música



Araxá é uma cidade onde a música é muito presente. Nesse capítulo, falaremos dos violeiros, da Banda Lira Araxaense, da nossa escola de música e também da Folia de Reis, que é um festejo religioso popular, com grande força musical.

Vamos começar pela viola. Ela é um instrumento musical de cordas, um parente do violão, mas nesse caso com 5 cordas duplas e um som agudo e delicioso. Ela é chamada por muitos nomes: viola de pinho, viola de arame, viola sertaneja, viola caipira, viola nordestina, viola cabocla, viola de queluz e, naturalmente, viola brasileira.

Muito comum no interior, toda cidade do Cerrado tem os seus violeiros, que há séculos encantam crianças e adultos. Aqui, foi criada em 2013 uma orquestra diferente. Seus músicos não usam ternos pretos. Nem tocam contrabaixo, violino, flauta ou piano. Apenas violas de 10 cordas, com diferentes afinações. É a Orquestra dos Violeiros de Araxá.



Quando o assunto é música, todo mundo se lembra imediatamente do maestro Elias Porfirio de Azevedo, que também era compositor, instrumentista, arranjador, cantor e um grande incentivador dos movimentos culturais da cidade. Além de ter sido ator e diretor de teatro.

Lembrado por todas essas contribuições, o maestro Elias deu seu nome à nossa escola de música. Ela foi fundada em 1992 e tem 800 alunos, que estudam instrumentos de teclado, sopro, percussão e cordas. É muito legal ver passar pelas ruas de Araxá, em direção à escola, crianças carregando flautas, violões, trompetes e saxofones, e com certeza assoviando uma canção...



Em Minas, quase toda cidade possui sua banda de música. Nós já tivemos várias, e uma delas resiste até hoje, a Banda Lira Araxaense. Ela foi fundada em 1919... Logo, logo terá a sua festa de 100 anos comemorada por todos nós.

A Banda Lira foi criada por Claudio José de Faria, juntamente com amigos e parentes. Em 1945, o seu Silvério Guimarães assumiu a banda e ficou lá por trinta anos. Em seguida, veio o seu Ângelo de Castro, que está aí até hoje. É bonito de ver, mesmo com grandes dificuldades materiais, uma banda resistir com o esforço das famílias e da comunidade. Assim como cidade dos doces, Araxá também é uma cidade da música.

Folia de Reis

Essa festa tem muitos nomes: Folia de Reis, Festa dos Santos Reis, Reisado. Mas a história é a mesma, lembrando a viagem maravilhosa dos reis magos para celebrar o nascimento do menino Jesus. As atividades começam no dia de Natal, e vão até o dia 6 de janeiro, o Dia de Reis.

Os grupos de foliões passam pelas casas, nas fazendas ou na cidade, cantando, dançando, rezando e coletando um dinheirinho para que a festa chegue até o fim.



Os instrumentos principais são acordeão, viola, cavaquinho, pandeiro e caixa. E em Araxá, alguns desses grupos são muito tradicionais, como Alto da Serra, Seis Irmãos e Estrela do Oriente.

Em janeiro, na Igreja dos Santos Reis, no bairro do Pão de Açúcar, há um grande encontro de Folia de Reis. E outro, em maio, na Capela da Mártir Filomena. É uma beleza ver esses grupos em ação, mantendo as tradições da folia, que é um dos nossos patrimônios culturais.



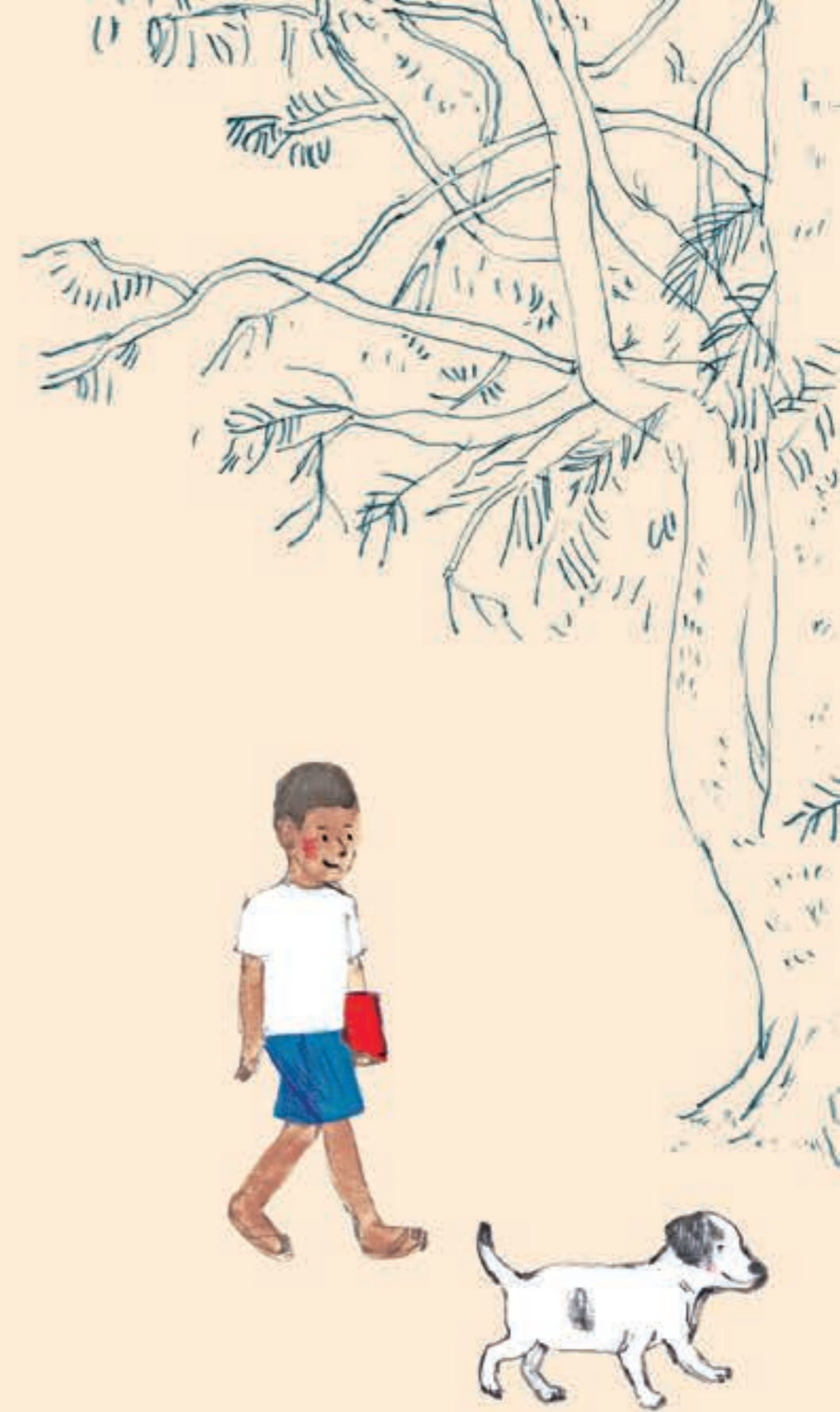
Em Araxá, vive a menina Thainá dos Reis Afonso. Leia agora o que ela veio nos contar: Thainá estuda na Escola Municipal Manoela Lemos e pesquisava sobre o tema da folia. Em casa, entrevistou os pais e teve uma surpresa bonita: ficou sabendo que seus avós eram foliões!



O avô, Sebastião Paulino, tocava sanfona em vários grupos e foi muito ativo na década de 1970. Ele saía com o grupo, cantando e carregando a bandeira, ficando mais de uma semana longe de casa e levando a alegria da sua sanfoninha para gente amiga ou desconhecida.

Ela ficou emocionada e teve uma vontade muito grande de conhecer esse avô, que já havia partido quando ela nasceu. Mas Thainá descobriu que, na verdade, um pouco dele ficou aqui, nas memórias que seus pais guardaram. E agradeceu a eles por contarem com tanta animação essas histórias da família, que são também as histórias da nossa cidade.





Edição: Otavio Nazareth

Pesquisa, texto e edição da produção dos estudantes: José Santos e Selma Maria

Projeto gráfico: Daniel Brito

Assistente de design: Geovana Martinez

Ilustrações: Helena Küller

Revisão: Maria Fernanda Alvares

Produção editorial: Paloma Comparato

Agradecemos a fundamental participação das escolas: Escola Municipal Diva Ferreira Reinke, Escola Municipal do Campo Nicolau Moraes de Castro, Escola Municipal Dr. Caetano Munhoz da Rocha, Escola Municipal Luiza Gonçalves Monteiro, Escola Municipal Madalena Portella, Escola Municipal O Ateneu, Escola Municipal Padre Natal Pigatto, Escola Municipal Reino da Loucinha, Escola Municipal Sete de Setembro, Escola Municipal Solidariedade.

SME

Diretora de departamento pedagógico: Adriane Carneiro Ferreira

Coordenadora de Língua Portuguesa 4º e 5º anos: Ariane Valente Rogiski

Coordenadora de História: Luciane Soares dos Santos

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Ficha elaborada segundo a AACR2r

S237c

Santos, José.

Campo Largo : a cidade da gente / organização José Santos e Selma Maria ; ilustrações Helena Küller — São Paulo : Olhares, 2021.

80 p. : il. color. ; 25 cm.

ISBN 978-65-88280-28-7

1. Literatura infanto-juvenil. 2. Escolas. 3. Patrimônio cultural 4. Campo Largo (PR). 5. Cidades. 6. Natureza. 7. Costumes. I. Maria, Selma. II. Küller, Helena. III. Título.

CDD 028.5

CDU 82-93

Ficha catalográfica elaborada pela bibliotecária Renata Fernandes Veloso Baralle — CRB-8/10366

realização



patrocínio



gestão cultural

doble.
cultura

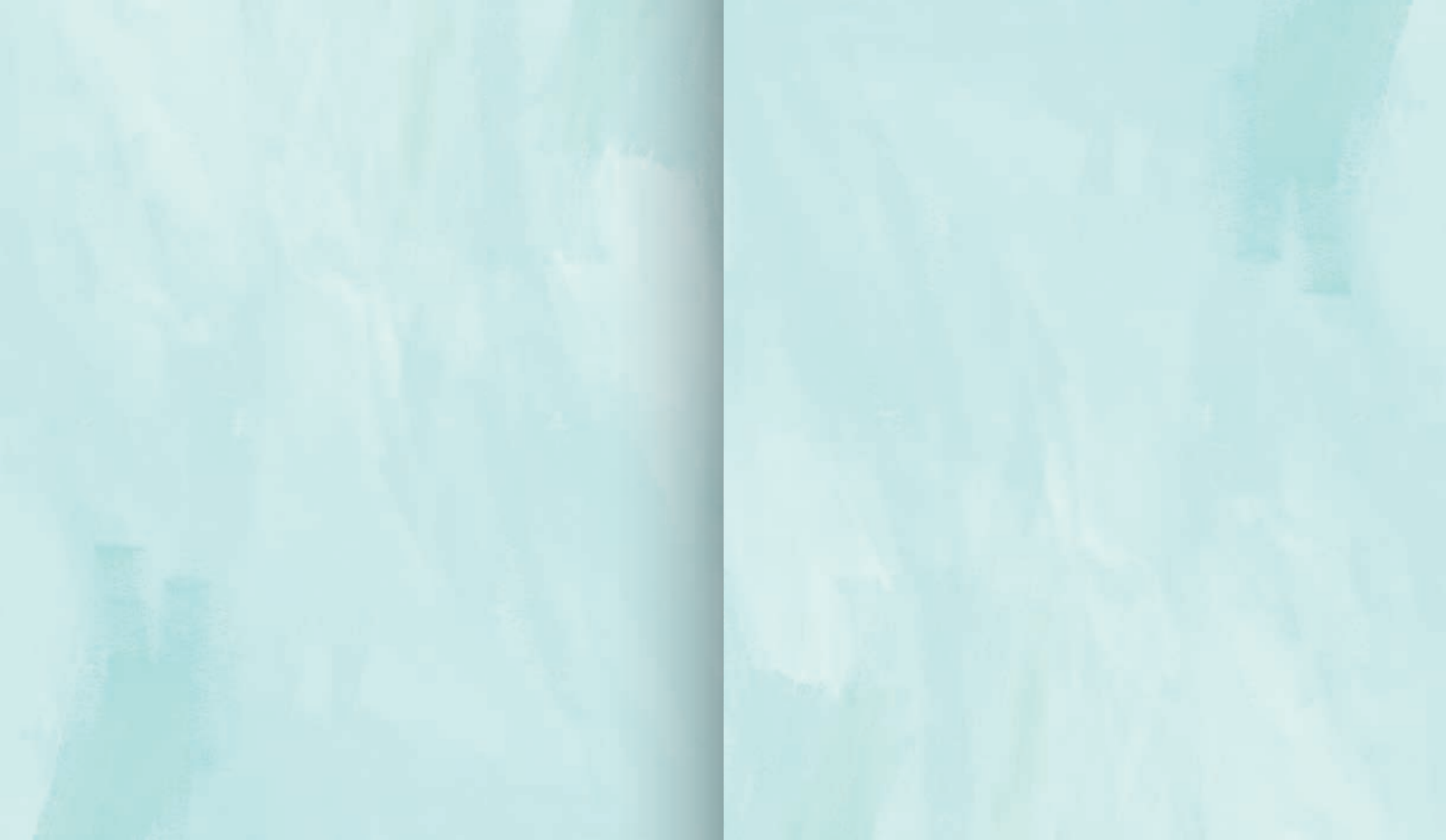
parcerias



Material elaborado com recursos de reinvestimentos do Programa Paraná Competitivo, da Secretaria da Fazenda do Estado do Paraná.

© 2021 Editora Olhares e autores.

Este livro foi impresso pela gráfica MaisType sobre papel offset 120g em junho 2021.



Era uma vez Araxá. Um dia a gente que morava lá percebeu que a história da cidade era a sua própria história... O Grande Hotel, as festas populares, os doces e outros quitutes fazem parte dessa história, contada com a ajuda das crianças da cidade.



Patrocínio



MINISTÉRIO DA CULTURA



ISBN 978-85-62114-63-2

